



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FASA
CURSO: Publicidade e Propaganda
HABILITAÇÃO: Bacharel em Comunicação Social
DISCIPLINA: Projeto Experimental IV – Monografia
ÁREA: Publicidade e Propaganda
PROFESSORA ORIENTADORA: Úrsula Betina Diesel

RAZÕES PARA A PERMANÊNCIA DO SERIADO CHAVES NO BRASIL

RAFAEL MENEZES DE OLIVEIRA

RA 20266723

Brasília/DF, Maio de 2006

RAFAEL MENEZES DE OLIVEIRA

RAZÕES PARA A PERMANÊNCIA DO SERIADO CHAVES NO BRASIL

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Publicidade e Propaganda do Centro de Ensino Unificado de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Profa. Úrsula Betina Diesel.

Brasília
2006

RAFAEL MENEZES DE OLIVEIRA

RAZÕES PARA A PERMANÊNCIA DO SERIADO CHAVES NO BRASIL

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Publicidade e Propaganda do Centro de Ensino Unificado de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Profa. Úrsula Betina Diesel.

Brasília, 16 de Maio de 2006.

Banca Examinadora

Profa. Úrsula Betina Diesel
Orientadora

Prof. Luciano Mendes
Examinador

Prof. Mauro Castro
Examinador

A Graça, Renata, Lílian, *Kleine Bär* (*danke, Meister!*), Luthor, Koenig, e Bolaños.

RESUMO

O seriado Chaves possui uma produção muito pobre para os padrões da época em que é exibido e cada episódio foi reprisado cerca de quarenta vezes; ainda assim faz muito sucesso no Brasil, atingindo altos pontos de audiência em qualquer horário que seja exibido. O presente trabalho visou levantar algumas razões que expliquem o sucesso de um programa que vai contra a lógica estética vigente. Por meio da teoria do conto de fadas, a análise demonstrou que o seriado tem muitas semelhanças com estes contos, que ajudam a criança a vencer seus medos infantis. Com o suporte das teorias psicológicas de Freud e Jung, foi possível estabelecer relações entre as características dos personagens e os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, e, utilizando a análise lingüística do humor, foi possível sistematizar o humor em Chaves e provar que ele se baseia em piadas simples que todos os telespectadores podem entender.

Palavras-chave:

Chaves, televisão, audiência, conto de fadas, arquétipos, inconsciente coletivo, humor.

ABSTRACT

The TV series Chaves has a very poor production for the standards of the decade in which it is shown and each episode was reran about forty times; even though it is a success in Brazil, getting high points of audience in any time that is played. The present analysis intended to present some reasons that explain the success of a show that goes against the esthetics' logic in vigor. Through the fairy tale theory, the analysis shown that the series has a lot of similarities with this tales, which helps the child to win his childhood fears. With the support of the psychological theories of Freud and Jung, it was possible to establish relations between the characters' characteristics and the archetypes and the Collective Unconscious, and, using the linguistics analysis of humor, it was possible to systemize the humor in Chaves and prove that it is based in simple jokes that all telespectators can understand.

Key-words:

Chaves, television, audience, fairy tales, archetypes, collective unconscious, humor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 08

1 CHAVES, UM FENÔMENO NO BRASIL, 09

1.1 Os personagens, 11

1.2 Cenário, sonoplastia e temas, 14

1.3 A estrutura narrativa, 14

2 ANÁLISE COM SUPORTE TEÓRICO, 16

2.1 O INCONSCIENTE COLETIVO, 16

2.1.1 Os Arquétipos, 17

2.2 OS CONTOS DE FADA E O SERIADO CHAVES, 24

2.2.1 A morte da mãe, 28

2.2.2 Os Pecados, 29

2.3 O HUMOR EM CHAVES, 37

CONCLUSÃO, 41

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 43

ANEXOS, 44

INTRODUÇÃO

O seriado Chaves é exibido no Brasil há mais de 20 anos, tem uma produção paupérrima para os padrões atuais e cada episódio já foi reprisado cerca de 40 vezes, mas ainda assim desde os anos 80 mantém uma considerável audiência, não importando em que horário é exibido.

Na contra-mão do que é comumente visto na TV, Chaves desafia a lógica vigente pois apresenta uma estrutura considerada fora de moda e, portanto, contrastando com os programas recentes, mas ainda assim fazendo sucesso com o público. A razão para tal resultado positivo é o tema da presente análise, que visou apresentar, à luz da teoria dos contos de fadas, dos arquétipos e da análise lingüística do humor, por meio do prisma da Análise do Discurso de linha francesa, possíveis respostas para a questão que move o trabalho.

O uso da teoria dos contos de fada visou mostrar a relação entre o conteúdo de Chaves e a dos referidos textos, buscando demonstrar como as crianças se identificam com o seriado da mesma forma que com os contos. Os Arquétipos vieram para explicar que essa relação entre Chaves e os elementos do conto de fada se dá por meio de uma estrutura semelhante, que se repete no inconsciente coletivo da sociedade e que, portanto, é um elemento gerador de familiaridade com o seriado, presente em todas as faixas etárias. Ao final, por meio da análise lingüística do humor, tentou-se explicar como a piada no humorístico abre portas para uma audiência constante por meio desta forma peculiar de discurso.

A Análise do Discurso foi o prisma que guiou o trabalho, sendo utilizada para ressaltar as relações entre suporte teórico eleito e o contexto do programa e da sociedade na qual está inserido, além de ajudar a detectar qual o discurso de Chaves, seu porquê e a coerência desse discurso com o viés ideológico dominante.

1 CHAVES: UM FENÔMENO NO BRASIL

O seriado Chaves chegou oficialmente ao Brasil em 19 de agosto de 1981, mas só foi ao ar na TVS, atual SBT, em 25 de agosto de 1984¹. A razão da demora para a exibição do seriado é que nenhum dos diretores da antiga TVS achou que o programa, com uma produção paupérrima, poderia ser sucesso de audiência. A opinião de Sílvio Santos foi diversa: assim que assistiu aos episódios de Chaves pela primeira vez acreditou no programa, pois conseguiu perceber que o mesmo continha elementos que com certeza soariam familiares e atrativos ao público-alvo da TVS: as classes C e D. A rede do Homem do Baú na época não possuía capital suficiente para bancar produções próprias, fora o programa Sílvio Santos aos domingos e alguns jornalísticos sem grandes pretensões, o que o levou a começar a adquirir os clássicos dramalhões mexicanos que, desde *Os ricos também choram*, primeira novela mexicana comprada pela TVS da Televisa, compõem a grade horária do SBT. Chaves veio em uma destasavas, e a razão para o receio dos diretores da nova rede para com o seriado foi que a Televisa exigiu no contrato que se o referido lote de novelas fosse comprado, a TVS deveria necessariamente levar também Chaves e exibi-lo, o que em pouco tempo mostrou-se uma ótima decisão.

Após três anos de um difícil trabalho de dublagem, Chaves foi ao ar no ano de 1984 como um dos quadros do programa do palhaço Bozo, infantil de enorme sucesso na época, competindo com a Rede Globo, que exibia desenhos mundialmente famosos como He-man e Thundercats. Após apenas três anos, Chaves já era o carro-chefe da programação infantil do agora SBT, ganhando com isso um horário próprio e muito prestígio na emissora, inclusive fazendo mudar o discurso dos diretores da rede que torceram o nariz para a série no início.

Desse ponto em diante Chaves só cresceu em audiência e fama no Brasil, e seu ápice, até o momento, foi no início da década de 90, quando brinquedos, álbuns e um gibi sobre a série foram lançados. Apesar de carregarem a referência famosa ao personagem, nenhum deles fez sucesso, e a razão para isso é que, além do nome, não

¹ JOLY, THULER E FRANCO, 2005, p. 16.

continham nenhuma outra relação com o seriado, ou seja, eram totalmente descontextualizados; os exemplos mais famosos foram o “óculos do Chaves” (o personagem jamais usou óculos) e o gibi “Chapolim e Chaves”, este último lançado, contraditoriamente, pela Editora Globo.

Até o ano de 1999, Chaves havia se mostrado um verdadeiro fenômeno de audiência, mas a força de transcendência temporal do seriado, após 15 anos de exibição e centenas de repetições foi no dia em que Ana Maria Braga estreou na Rede Globo, saída da Record. Um grande alvoroço aconteceu no SBT, pois a atração Mais Você, ainda mais na estréia, bateria no mínimo 16 pontos de audiência, o dobro do que o Note e Anote, antigo programa de Ana Maria Braga, atingia na Record. A razão para o nervosismo no SBT é que eles precisariam colocar no mesmo horário algo que competisse à altura do novo programa da Globo, o que não foi problema na opinião de Sílvio Santos; este afirmou categoricamente que fosse colocado o Chaves. O resultado foi impressionante até para os diretores do SBT: Chaves obteve 16 pontos no Ibope contra apenas 8 do programa Mais Você. Nos dias seguintes Chaves continuou batendo o vespertino Global, e em dezembro de 2000 atingiu a surpreendente marca de 20 pontos no Ibope, contra 11 do programa de Ana Maria Braga, o que representa em média 20 milhões de televisores ligados ao programa. Pouco, se comparado aos 60 pontos de audiência que chegou a obter no México.

O sucesso do seriado no Brasil deu-se em grande parte também por conta da dublagem adequada à realidade brasileira, que sempre adaptou as piadas e referências constantes ao cotidiano do México nos episódios. A voz brasileira dos personagens foi tão marcante que rendeu elogios por parte do ator Edgar Vivar, o Sr. Barriga e de Carlos Villagrán, o Kiko, que inclusive teve de levar a tira colo o dublador Nelson Machado para uma turnê de seu personagem no Brasil no fim dos anos 80. Outro exemplo do impacto da dublagem do seriado foi a criação, nos anos 80, de um tele 900 do Chaves, no qual a pessoa podia escutar, a qualquer hora do dia ou da noite, uma história da vila. É claro que, por ser dublado, Chaves necessitaria para alcançar o sucesso de uma boa dublagem, mas a atuação dos atores e os trejeitos de seus personagens foram a grande marca registrada do seriado. Bolaños criava os personagens da série conforme as características físicas dos atores, num processo

inverso ao aplicado na maioria dos *castings* atuais. O elenco do seriado, salvo algumas alterações ao final da época de produção da série, era o seguinte: Roberto Gomes Bolaños (Chaves)², Carlos Villagrán (Kiko)³, Ramón Valdez (Seu Madruga)⁴, Rubén Aguirre (Prof. Girafales)⁵, Edgar Vivar (Sr. Barriga, Nhonho)⁶, Maria Antonieta de Las Nieves (Chiquinha)⁷, Angelines Fernández Abad (Bruxa do 71)⁸, Florinda Meza (Dona Florinda, Pópis)⁹, Horacio Gómez Bolaños (Godinez), Raúl Padilla (Jaiminho).

1.1 Os personagens

Outro fator que gera identificação com o seriado é o fato de os personagens serem de várias idades, classes sociais e possuírem características verdadeiramente humanas, ou seja, cada qual reúne qualidades e defeitos que os ajudam ou atrapalham em determinadas histórias, o que os coloca em um mesmo patamar de importância no enredo da série. A seguir uma análise das características dos personagens principais e seus históricos:

Chaves é um menino pobre e órfão que vive em um barril e recebe ajuda de todos que moram na vila. Veste-se de forma simples, e seu boné é sua marca registrada. Pode ser facilmente identificado também por seus bordões, como “foi sem querer querendo” e “isso me escapuliu”. É reconhecido por sua ingenuidade e fome, elemento que em muitos episódios dá a tônica da história. Um dos recursos principais utilizados pelo autor para causar o riso do público é o entendimento literal que Chaves tem de tudo o que dizem para ele. Um exemplo é quando Seu Madruga pergunta: “por que não me chamou, besta?” E Chaves responde: “porque quando chamo o senhor de besta, fica bravo!”. Ou quando Chiquinha lhe pede para “abaixar” o termômetro e Chaves o coloca no chão.

² Ver figura 1.

³ Ver figura 5.

⁴ Ver figura 4.

⁵ Ver figura 3.

⁶ Ver figura 7.

⁷ Ver figura 1.

⁸ Ver figura 6.

⁹ Ver figura 3.

Como o próprio nome da série indica, ele é o protagonista da história, mas nem todas as situações vividas no seriado giram em torno única e exclusivamente do personagem. Isto é facilmente verificado, pois personagens como Kiko e Seu Madruga fazem tanto ou mais sucesso que Chaves.

Kiko é o oposto de Chaves. Possui condição financeira melhor e mora em uma das casas da vila. É órfão de pai, que era marinheiro, mas em contrapartida tem a mãe que o mimia e sempre o socorre quando ele começa a chorar. É muito competitivo e se satisfaz ao causar inveja nas outras crianças com seus muitos brinquedos. Veste-se sempre de marinheiro, uma referência clara a seu falecido pai, cujos cheques de pensão sustentam a família. Ao contrário de Chaves está sempre asseado e usando roupas novas. Mesmo estando aparentemente distante de Chaves, é seu melhor amigo e brinca com ele e as outras crianças da vizinhança. Suas bochechas salientes e roupa são seus principais chamarizes físicos. Seus bordões mais famosos são: “cale-se, cale-se, cale-se que você me deixa louco!” e “que coisa, não?”.

Chiquinha é a criança mais esperta da turma, sempre consegue o que quer por meio de estratagemas. Filha de Seu Madruga, é órfã de mãe, e tem muito ciúme do pai. É pobre, mora com o pai e posteriormente com a bisavó. Sua roupa revela características da personalidade: as marias-chiquinhas desalinhadas e o casaco vermelho torcido nas costas demonstram sua inquietação permanente. É caracterizada por seu choro bem particular, cinismo e indolência para com os estudos.

Nhonho é a única criança rica do seriado. Filho de senhor Barriga, dono da vila, possui uma variedade grande de brinquedos mas não é absolutamente sovina, partilhando-os na maioria dos episódios. Das crianças, é o único que não mora na vila, tem ambos os pais e se sobressai na escola. Assim como seu pai, é obeso, condição que serve de motivo para a chacota da turma. Veste-se com um macacão e tem dentes salientes. Sempre está comendo ou atrás de comida, e sua frase característica é “olha ele hein, olha ele hein!”, falada quando alguém o agride.

Pai de Chiquinha, Seu Madruga é pobre e deve 14 meses de aluguel para senhor Barriga. É muito magro e sempre veste uma calça jeans e uma camiseta preta, além de um chapéu jeans. Tem boas intenções, mas essa característica nunca lhe rende resultados positivos. É muito indolente em relação ao trabalho, porque sempre

consegue comprar fiado alimentos e outros gêneros. À revelia da realidade das relações entre homens e mulheres, em que o homem é fisicamente mais forte e usa essa força para subjugar-las, no seriado Seu Madruga apanha constantemente de Dona Florinda. Um traço forte de sua personalidade é a cólera; o personagem raramente está feliz e quase sempre reage com animosidade aos questionamentos das crianças. Suas frases clássicas são: “que que foi, que que foi, que que há...” e “só não te bato porque...”.

Mãe de Kiko, Dona Florinda é orgulhosa e não aceita o fato de ter que morar em uma vila simples, chamando os vizinhos de “gentalha”. Está sempre de bobs no cabelo, o que revela sua vaidade. Tem uma personalidade forte e só se alegra com as visitas do professor Girafales, seu pretendente. O avental que usa demonstra que trabalha o tempo todo. Mima seu filho e acredita cegamente na sua palavra. Dona Florinda e professor Girafales protagonizam as únicas cenas românticas do seriado, mas a relação é platônica; o interesse é expresso somente pelos olhares e pela conversa que travam toda vez que professor Girafales chega à vila.

Senhor Barriga é o dono da vila, e seu nome verdadeiro é Zenon Barriga e Pesado. É o mais rico dos personagens e em todos os episódios é recebido, ao chegar na vila, com uma pancada de Chaves. É pai de Nhonho e assim como seu filho, é ridicularizado por seu sobrepeso. Usa bigode, é careca e usa óculos. Representa no seriado a classe mais abastada e a ordem estabelecida. Frase comum: “tinha que ser o Chaves de novo!”.

Professor Girafales representa o conhecimento, a sabedoria. Sua altura é uma clara referência ao status de mestre, superior, cuja posição ele faz questão de demonstrar em todo debate do qual participa. Mas sua altura também lhe rende vários apelidos pejorativos dados pelas crianças, como “mestre lingüiça” e “quilômetro parado”. É solteiro e protagoniza um romance jamais concretizado com Dona Florinda. É o professor de todas as crianças da série e possui seu próprio núcleo, a escola. Chavões: “ta, ta, ta, ta, ta!” e “Gostaria de saber por que causa, motivo, razão ou circunstância...”.

Dona Clotilde é tida pelas crianças como uma bruxa, mas na verdade é apenas um senhora solitária; o apelido lhe foi concedido por sempre estar envolvida no sumiço

de algum objeto, o que é tomado pelas crianças como bruxaria. É apaixonada por Seu Madruga, para quem faz bolos e outras guloseimas. É a mais velha de todos os personagens, e o interior de sua casa é desconhecido. Usa um vestido azul e um chapéu também azul, com flores.

1.2 Cenário, sonoplastia e temas

A vila é o principal cenário de Chaves e se resume a duas alas: a primeira, que concentra as entradas das casas de todos os personagens moradores da vila e sua entrada e o barril de Chaves, e a segunda, que contém uma fonte e o fundo da casa de Seu Madruga. Outros cenários construídos do seriado são a escola, o “terreno baldio”, o parque de diversões, a parte externa da vila e a casa de Sr. Barriga. Todos esses possuem, de maneira geral, a mesma qualidade técnica reduzida; o isopor, por exemplo, é muito usado para a construção de móveis falsos e outros objetos que serão destruídos pelos personagens nas gravações.

A sonoplastia é simples e consiste nas repetitivas risadas de *playback* e nos barulhos de socos, chutes e quedas, que se assemelham ao barulho de metais em choque. A música também faz parte desse quesito, mas é um caso à parte pois apresenta uma produção mais elaborada e tem um papel de destaque em alguns episódios.

Os temas dos capítulos giram em torno de situações comuns do dia-a-dia de qualquer criança, adulto ou família, como o roubo, os dramas infantis e os problemas financeiros. São temas corriqueiros, mas que carregam profundos significados.

1.3 A estrutura narrativa

A narrativa de Chaves baseia-se em situações comuns a quase todos os episódios e remete à estrutura do conto de fadas, contendo a introdução do problema (tema), seu desenvolvimento (conflito) e resolução (final feliz). Geralmente os episódios iniciam-se com o tema sendo colocado de forma sutil e partem para o problema de forma direta do meio para o fim do programa.

A trama de Chaves é bastante repetitiva, apenas ocorrendo adaptações ao tema de cada episódio mas sem fugir da estrutura supracitada. As características dos personagens também reforçam essa idéia, pois eles reproduzem aspectos seculares da psique humana de todas as culturas. Tais aspectos estão imersos no inconsciente coletivo das sociedades e reforçam a identificação do público com Chaves.

2 ANÁLISE COM SUPORTE TEÓRICO

2.1 O INCONSCIENTE COLETIVO

O psicanalista austríaco Carl Gustav Jung acreditava que havia algo mais na estrutura psicológica de um indivíduo do que somente aquilo que o consciente e o inconsciente de cada um acumula na sua vivência, talvez algo já presente quando o indivíduo nasce. Segundo o pesquisador, quanto mais profundamente se mergulha na psique, mais o inconsciente parece perder sua unicidade e se tornar universalizado, ou seja, cada vez mais começam a aparecer características básicas comuns em grupos distintos.

Os processos mentais de caráter inconsciente revelam, além dos conteúdos psíquicos de experiências individuais que foram rejeitados da consciência, outros que nada têm a ver com a experiência individual e que, como disposições gerais, são anteriores às ditas experiências; em consequência disso, não são adstritos ao acervo de uma só pessoa em particular, senão que pertencem ao patrimônio psíquico comum de todos os seres humanos e se manifestam em todos eles por efeitos igualmente análogos.¹⁰

A expressão Inconsciente Coletivo representa bem esse estrato mais profundo da psique, segundo Mambert & Foster, por duas razões.

Primeiramente, porque é uma aglomeração de instintos e predisposições mentais que, na fronteira do seu nível inferior, constata e imerge algures no fisiológico e, na do seu nível superior emerge no inconsciente individual. Em segundo lugar, porque é coletivo no que diz respeito ao homem, no sentido de revelar analogias entre todos eles.¹¹

Tais analogias podem ser observadas, por exemplo, nos contos de fada, que têm seus enredos repetidos inúmeras vezes em culturas distintas, nas imagens e artefatos arcaicos, que mostram Vênus e deusas da colheita de formas semelhantes, entre outros.

Segundo Barreto, não só os conceitos e concepções devem receber a classificação de coletivos; os sentimentos também. Nas sociedades cultas (letradas), os

¹⁰ BARRETO, 1975, p. 7.

¹¹ MAMBERT & FOSTER, 1996, p. 128.

sentimentos grupais vinculam-se a determinados conceitos coletivos, como acontece, por exemplo, com a idéia de Deus, do Direito, da Pátria etc. Na contemporaneidade, essa idéia coletiva se apresenta acentuada na relação do consumidor com as marcas. No livro *A Natureza Emocional da Marca*, José Martins classifica cerca de 27 Arquétipos relacionados a marcas, que facilitam a operação de venda e posicionamento de produto das empresas e as orientam desde meados dos anos 50, quando foram primeiramente analisados, nesse sentido.

2.1.1 Os Arquétipos

Segundo a psicologia Jungiana, essas formas representativas gerais, que se produzem no inconsciente coletivo e que traduzem simbolicamente a essência dos complexos autônomos, os quais, por sua vez, constituem os “modelos” do inconsciente coletivo, são chamados de Arquétipos. Em seu livro *Quatro Arquétipos*, Jung cita que:

O Arquétipo é essencialmente um conteúdo inconsciente que é alterado ao se tornar consciente e ser percebido, e toma sua cor da consciência individual na qual aparece. (...) O termo “Arquétipo”, assim, se aplica apenas indiretamente ao de “representações coletivas”, já que designa apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos à elaboração consciente e que são conseqüentemente uma referência imediata da experiência psíquica.¹²

Barreto salienta que Jung não afirma a existência de idéias “inatas ou herdadas”, mas tendências, ou seja, padrões subjacentes da formação de símbolos, e não seus detalhes específicos. A qualidade principal dos Arquétipos, por fim,

É que são experimentados, não de maneira abstrata, mas tal como se manifestam através de algum símbolo particular. Na análise Jungiana, as formas em que os arquétipos afloram à superfície correspondem aos símbolos sociais através dos quais foram experimentados em épocas anteriores.¹³

A partir desse raciocínio, nota-se ainda a relação clara entre o conceito de Arquétipo e os conceitos psicanalíticos de Projeção e Introjeção. Projeção, para a

¹² JUNG, p. 5. Tradução livre.

¹³ BARRETO, 1975, p. 40.

psicanálise, é quando o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos e desejos que ele desdenha ou recusa em si, e Introjeção é o oposto, ou seja, quando o indivíduo faz passar de “fora” para “dentro” qualidades inerentes a algo, pessoa ou objeto. A relação entre os três conceitos é aparente porque os seres humanos introjetam ou projetam certos aspectos de determinados arquétipos em suas vidas, como exemplifica Carol S. Pearson em seu livro *O Herói Interior*. Como cita a autora, pode-se afirmar que tal pessoa é regida pelo arquétipo do guerreiro quando anda com o tórax inflado, ou o queixo projetado para cima, por exemplo; tal fato também valida a proposição de Barreto de que o Arquétipo é “revivido” de forma certamente não-abstrata.

Considerando esse aspecto de “dominação” do arquétipo citado por Pearson, pode-se analisar a presença de certos arquétipos no seriado Chaves pela própria diversidade de elementos que cada personagem do programa apresenta em suas ações e discurso. Partindo da proposição geral do presente trabalho, a saber, a de demonstrar razões para o sucesso do programa Chaves apesar de este ir na “contra-mão” da estética vigente, os arquétipos aparecem como mais um forte elemento gerador de familiaridade entre o telespectador e a série. A base para a definição de qual arquétipo estaria presente em cada personagem partirá do sistema arquetípico proposto por Pearson no livro *O Herói Interior*, constituído pelos seguintes arquétipos: Inocente, Órfão, Mártir, Guerreiro, Nômade e Mago.

O Arquétipo do Inocente representa a vivência da mais tenra infância, quando o indivíduo ainda está “no éden”. O mundo é um lugar seguro, as pessoas são boas e podemos confiar nelas; não há qualquer problema. O do Órfão é a criança quando percebe a realidade do dinheiro, dever, trabalho e estudo no mundo; principalmente que sua mãe ou seu pai não pode ficar o tempo todo vivendo em função dela. A pessoa dominada por este arquétipo sente o medo do abandono e busca relacionamentos sólidos; receia não poder “vencer” pela inexistência de um apoio maternal, buscando esse apoio em outras pessoas.

A partir da orfandade, ao final da adolescência, o indivíduo pode partir para o Arquétipo do Mártir ou do Guerreiro. Historicamente mulheres se tornam mártires e homens guerreiros, mas a realidade do mundo de hoje, que permite que mulheres

assumam cargos mais altos, acabou por gerar um número expressivo de lares comandados por elas, o que por vezes hoje inverte essa posição milenar. Portanto, na atualidade temos mulheres Mártires e/ou Guerreiras, e homens da mesma maneira. O Mártir é o resignado, que sofre para que outros se beneficiem, por exemplo, a dona de casa. O Guerreiro é o desbravador, corajoso e territorialista, quem descobre novos rumos e gosta de decidir. Aparecem geralmente em pessoas entre 20 e 45 anos.

O Nômade, por sua vez, usa de sua vivência e conhecimento para definir metas e cumpri-las. Busca o conhecimento através da experiência, gosta de viajar e aprender. Não se apega mais a relacionamentos como o Mártir e o Guerreiro, procura usar seu tempo para descobrir as potencialidades do mundo. Aparece em pessoas que se separam após o crescimento dos filhos ou quando se aposentam, a partir dos 50 anos.

Por fim, o Mago é o sábio por excelência. Buscador da verdade, o Mago sabe diferenciar, por sua experiência, exatamente o que será bom e ruim para si antes de agir. É cauteloso, paciente e ponderado. Dá valor ao cuidado com o corpo e a mente, agindo racionalmente sempre. Caracteriza-se por aparecer em pessoas na chamada “quarta idade”, por volta dos 70 anos em diante.

É importante salientar que os arquétipos não aparecem em idades fixas, estando continuamente representados em pessoas das mais diversas faixas etárias, sexos e classes sociais.

A partir da classificação de Pearson, segue a análise na qual se buscou determinar os arquétipos dominantes no programa Chaves e em que medida eles regem cada personagem. A análise limitou-se aos personagens centrais da trama, a saber, Chaves, Kiko, Chiquinha, Seu Madruga, Dona Florinda, senhor Barriga, prof. Girafales e Dona Clotilde.

Chaves – Abandonado e vivendo de favores, Chaves personifica o órfão, e por sua história de abandono, no seriado, ele também abarca amplamente o arquétipo do guerreiro, pois precisa ser pró-ativo em sua solitária luta pela sobrevivência. O fato de ter fugido de dois orfanatos demonstra o forte aspecto do guerreiro em sua vida, que busca o que é melhor para si mesmo quebrando regras. Sua personalidade também reflete o guerreiro nas atitudes de defesa de seus ideais, quando, por exemplo, bate em Kiko por ele não querer emprestar algum brinquedo ou não repartir um sanduíche de

presunto, ou como quando demonstra sua coragem de forma exemplar no episódio intitulado “O homem do saco”. Neste capítulo, ele impede Seu Madruga de levar seu saco de produtos embora por achar que Kiko está lá dentro; ou seja, Chaves acha que Kiko estava sendo levado pelo “Homem do saco”, que pega as crianças mal-criadas. Com oito anos de idade, está no início da idade formal do órfão, e, portanto, apresenta características desse Arquétipo, como o medo do abandono, que permeia sua vida. Tal aspecto do personagem é retratado quando Chaves por vezes diz que Kiko não deveria tratar mal sua mãe, pois a coisa que ele mais queria na vida era uma para si.

Kiko – A criança mais mimada da turma, Kiko é dominado pelo órfão, paradoxalmente possuindo uma mãe. Vive de fazer as outras crianças passarem vontade com seus brinquedos e lanches, ao que elas respondem batendo nele, o que por sua vez ocasiona o chamamento de sua mãe para socorrê-lo. Kiko demonstra segurança nas atitudes, mas somente enquanto a situação está sob controle; quando esta foge de suas rédeas, não tarda a clamar ou ajuda, característica básica do órfão, a desestruturação. O fato de ser mimado também lhe confere a característica do inocente, que o faz se sentir completamente despreocupado com a vida, o que é exemplificado quando certa vez prof. Girafales pergunta sobre “com que vai se sustentar” quando for adulto, ao que ele responde, sério: “com as pernas”. Tal despreocupação também o faz ser um dos poucos que não se empenham em tirar boas notas na escola. Nota-se que apenas Chaves e Chiquinha, as únicas crianças pobres do seriado, se mostram realmente preocupados em passar de ano.

Chiquinha – A personagem pode ser quase inteiramente posicionada no Arquétipo da Amazona – equivalente feminino ao guerreiro -; é proeminente em todas as suas atitudes, como quando enfrenta os garotos da vila sem medo e em pé de igualdade. Mas assim como Chaves, sua idade (oito anos) não lhe permite fugir totalmente ao órfão, o que a faz recorrer ao pai sempre que necessário. Pelo pai ter permanecido solteiro desde seu nascimento, quando sua mãe morreu, Chiquinha o tem como porto seguro, não permitindo que nenhuma outra mulher chegue perto dele (apesar de ele querer, às vezes); nota-se mais uma vez uma característica do guerreiro, a defesa do território. Chiquinha, como o guerreiro, também é boa para com os seus, quase sempre ajudando Chaves a arranjar comida e se juntando a ele contra Kiko.

Apesar deste posicionamento (Chiquinha alimenta um grande afeto para com Chaves), Chiquinha, na verdade, “dança conforme a música”, mudando de lado sempre que assim for preciso.

Seu Madruga – Mais ainda que Chiquinha, Seu Madruga é a própria imagem do coringa, ludibriando quem quer que seja para conseguir o que deseja. Ainda assim, apresenta fortemente a característica do nômade, no sentido de que raramente precisa da ajuda de outrem para conseguir o que quer e possui toda a bagagem necessária para vencer a adversidade; no caso, a pobreza. Isso é demonstrado em vários episódios, com o personagem atuando como pedreiro, marceneiro, pintor, sapateiro, cabeleireiro e até promotor de eventos, trabalhos nos quais nunca se destacou, mas que assumiu por necessidade.

Dona Florinda – O mártir caracteriza-se pela resignação e pelo trabalho, buscando assim agradar a quem ama, e Dona Florinda se encaixa particularmente no perfil. Após a morte do marido, teve que se mudar para uma vila simples e abandonar todo o luxo que possuía, o que significa demitir possíveis empregados e assumir o comando da casa e do cuidado com seu filho Kiko; o avental, peça marcante do vestuário da personagem, denota claramente a presença do trabalho em sua nova vida. Mas Dona Florinda também é fortemente caracterizada pelo guerreiro, principalmente quando algo acontece com Kiko. A qualquer chamado do filho ela acorre, geralmente agredindo fisicamente Seu Madruga, defendendo Kiko acima de tudo.

Senhor Barriga – O personagem Barriga é o típico homem que venceu na vida por ser esforçado, trabalhador, o que lhe confere um forte aspecto de guerreiro. Seu conhecimento dos negócios deriva da prática, como o soldado que domina vários tipos de armamento. Mas senhor Barriga também é o grande mártir do seriado, pois sempre apanha das crianças quando vai à vila, principalmente de Chaves, e tem todo tipo de problemas com seus inquilinos, que de maneira geral não o vêem com bons olhos e consideram sua vila um lugar ruim para se viver, além de serem por vezes inadimplentes.

Professor Girafales – Representa o grande Mestre no seriado, a ciência e o conhecimento. Tal característica o assemelha diretamente ao Mago, que possui o saber profundo sobre as coisas e pode ensinar a todos. De forma complementar representa o

guerreiro magistral, aclamado pelos seus (Dona Florinda) como o ideal de homem virtuoso e viril. Também representa o guerreiro quando, por exemplo, entende que algum outro homem está cortejando Dona Florinda e por isso os chama ao combate, fazendo referência à ancestral luta pela fêmea empreendida pelo macho guerreiro.

Dona Clotilde – A Bruxa do 71, como é chamada pelas crianças, é uma senhora solitária, e sua vida é desconhecida por todos. Nesse sentido, poder-se-ia compreender características do nômade em sua personalidade, mas apenas por isso. Apresenta também características do Mago por ser culta e sábia, curiosamente como toda bruxa de conto de fadas. Assim sendo, o personagem não apresenta Arquétipos acentuados, mas existem outros dois que chamam mais a atenção: o órfão por um lado e o mártir por outro. Dona Clotilde é órfã no sentido de que continuamente persegue Seu Madruga em busca de carinho, e mártir porque esse carinho, buscado com a ajuda de guloseimas presenteadas a seu amado, nunca é recompensado. Ainda assim Dona Clotilde o perdoa e tenta inúmeras outras vezes conseguir o que quer de Seu Madruga, reforçando seu caráter martírico.

A trama arquetípica em Chaves demonstra o quanto o seriado está próximo do mais profundo emocional da sociedade, quando apresenta personagens permeados por arquétipos diversos, mas ainda assim atrelados ao arquétipo clássico de sua faixa etária. Desta maneira, Bolaños caracterizou crianças mais próximas da realidade, dotadas de ingenuidade e curiosidade, diferente dos *bebês gênios* hollywoodianos, e também criou personagens adultos que vivem em uma realidade atemporal e que é motivo de preocupação, que permeava o mundo na década de 70 e ainda o faz: a pobreza. Em suma, Chaves está tão próximo da realidade quanto qualquer humorístico atual, mas consegue tratá-la com um humor simples e verdadeiro que pode cativar a todos.

Os arquétipos aparecem nos mais diversos discursos e narrativas do mundo desde tempos remotos, o que reforça seu caráter de transcendência. Um dos discursos mais amplamente difundidos que utilizam os Arquétipos são os contos de fada, que repetem os personagens simbólicos para gerar familiaridade e receptividade com o interlocutor. Esses contos também guardam semelhanças notáveis com o seriado Chaves, que apresenta uma estrutura plena de situações comuns à trama da fábula,

como os problemas em que os personagens se envolvem, e seus dramas infantis como o medo do abandono e da fome.

2.2 OS CONTOS DE FADA E O SERIADO CHAVES

Os contos de fada não são simples histórias para criança; apenas podem ser considerados como tal quando interpretados pelos pequenos, mas revelam importantes e muitas vezes contundentes assuntos quando lidos com a capacidade crítica de um adulto, e o seriado Chaves não foge a essa mesma regra. Por trás das histórias fantásticas dos contos e do seriado, há dramas sérios que refletem eventos que ocorrem no mundo particular da criança. Embora o atrativo inicial de um conto de fada resida em sua capacidade de entretenimento, seu valor duradouro está em seu poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que enfrentam no processo de crescimento.

A natureza dessas lutas, segundo os seguidores de Freud, é basicamente de ordem sexual, enraizadas em preocupações edípicas.

A luta entre Branca de Neve e sua madrasta, por exemplo, supostamente deriva da busca edípica de Branca de Neve por seu pai. A mulher mais velha mergulha numa busca assassina porque acredita que a menina de sete anos representa uma ameaça sexual. Sua pergunta incessante na frente do espelho reflete, literalmente, seu medo de que o rei considere Branca de Neve mais interessante do que ela. É, portanto, a disputa sexual implícita entre a jovem e a rainha, e não a preocupação da rainha com sua aparência, que alimenta a trama.¹⁴

Para a folclorista Maria Tatar, afirmar categoricamente que os contos de fada servem para alertar as crianças sobre os perigos da sexualidade é forçar demais a barra. “Pode ser que os pais tenham o sexo em mente, ao lerem sobre uma princesa que fere seu dedo num fuso e depois cai em sono profundo, mas é improvável que as crianças associem o sangue no dedo da princesa ao ato sexual e à menstruação (...)”¹⁵

Uma alternativa ao ponto de vista psicanalítico é a perspectiva psicológica que se concentra no senso do “eu” que começa a despertar na criança. Em vez de enfatizar as questões sexuais, a teoria do eu foca nos aspectos da personalidade que ameaçam minar a ligação da criança com as outras pessoas, como a inveja, a gula, a luxúria, a

¹⁴ CASHDAN, 2000, p. 26

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 27

hipocrisia, a mentira, a avareza e a preguiça, os chamados sete pecados capitais da infância na obra de Cashdan¹⁶. Os fundamentos “pecaminosos” dos contos de fada demonstram porque as crianças respondem a eles com tanto fervor.

Um conto como Branca de Neve pode ter um significado especial para uma criança que esteja lidando com questões ligadas à aparência e ao potencial de ser desejada (...) A preocupação excessiva da madrasta diabólica com sua aparência literalmente espelha esse sentimento. De forma semelhante, crianças em cujas famílias existe intensa rivalidade entre irmãos são mais suscetíveis a histórias como Cinderela, onde a inveja é uma preocupação constante. (CASHDAN, p. 29)

O significado mais profundo desses pecados capitais é o fato de trazerem à tona o que é talvez o maior medo da infância: o abandono. Ser abandonada à própria sorte quando não tem meios para se sustentar sozinha é uma perspectiva terrível para a criança e pode afetar adultos da mesma maneira. Coincidentemente este é o mote principal do seriado Chaves e é sempre lembrado nos episódios em que todos saem da vila por algum motivo. Bolaños foi sensível o suficiente para perceber a importância de uma situação como esta para uma criança, e nos episódios em que a situação supracitada ocorre, Chaves sempre é convidado no final por Sr. Barriga para se juntar à turma da vila onde quer que estejam, como na viagem para Acapulco, no natal na casa de Sr. Barriga etc.

É clássica a reprimenda dos pais a uma criança desobediente: “Se você não vier agora, vou deixá-lo aí mesmo”. As crianças muito pequenas têm medo de que seus pais as vendam ou dêem para os outros caso se comportem mal, e esse foi o tema de pelo menos dois episódios de Chaves. No primeiro, mais antigo, Seu Madruga repete a reprimenda citada a Chiquinha, que comenta com Chaves o quanto é amedrontador ser levado pelo “homem do saco” (um senhor que apenas vende artigos seminovos, mas que para Chaves e Chiquinha carrega crianças desobedientes). No segundo episódio, Seu Madruga é quem faz o personagem de homem do saco, e a história se repete, só que desta vez é Kiko que se amedronta com a possibilidade de ser levado pelo homem do saco, quando sua mãe o repreende e conta a história do senhor que leva as crianças mal-criadas. Como nos contos de fada, a “bruxa”, no caso Seu Madruga, deve

¹⁶ O pecado luxúria foi excluído da análise por não ter significativa representatividade na trama.

ser vencida e, como esperado, a trama encontra uma maneira de Dona Florinda acabar por ter um motivo para bater em Seu Madruga. Chaves neste episódio inclusive reage com acentuada valentia e coragem à possibilidade de Seu Madruga levar Kiko embora, e contrariando o comum, rouba o saco de Seu Madruga numa atitude desesperada de salvar Kiko. Chaves, numa atitude alusiva a seu abandono na tenra infância, protege Kiko de ter o mesmo destino que ele, perder pai e mãe, reagindo de forma inesperada até para os padrões da série.

A idéia do abandono como punição, por manifestar tendências socialmente condenáveis, é uma ameaça constante. Mas é difícil ser bonzinho, e as crianças se vêem freqüentemente em situações que não conseguem controlar ou compreender plenamente, como no roubo e na mentira. Chiquinha representa esse conceito no seriado com maestria. Ela é uma criança muito esperta se comparada às outras, mas se utiliza dessa capacidade para fins inadequados; ludibria seus colegas e até os adultos, mente constantemente e comete pequenos furtos (principalmente de comida), mas sempre é pega e punida. Ainda assim, há que se considerar que age com a inocência de uma criança de oito anos, não podendo ser considerada intrinsecamente maniqueísta ou simplesmente má. Ao cair em si, responde com sua risada característica e pede desculpas sentidas pelo que fez, reconhecendo seu erro.

O modo pelo qual os contos de fada resolvem esses conflitos é oferecendo às crianças um palco onde elas podem representar suas lutas interiores. As crianças, quando ouvem um conto de fadas, projetam inconscientemente partes delas mesmas em vários personagens da história, usando-os como repositórios psicológicos para elementos contraditórios do eu. A rainha má em Branca de Neve, por exemplo, personifica o narcisismo, e a jovem princesa com quem os leitores se identificam representa partes da criança lutando para superar essa tendência. A vitória sobre a rainha representa o triunfo das forças positivas do eu contra os impulsos da vaidade. Ao comparar os conflitos entre as diversas partes do eu com os conflitos entre os personagens da história, os contos de fada dão às crianças um meio de resolver as tensões que afetam o modo como elas se sentem em relação a si mesmas.

É comum considerarmos os contos de fada como constituintes apenas da infância, mas também fazem parte de nossa vida adulta. As representações e os temas

dos contos de fada estão continuamente em nossos pensamentos e conversas, funcionando como metáforas para nossos desejos e esperanças mais profundos. Ansiamos por um príncipe ou uma princesa que nos torne completos, esperamos que nossos negócios tenham um “final de conto de fada”. Ficamos imaginando, diante das ameaças ambientais e conflitos globais, se será possível “viver felizes para sempre”. O impacto que os contos de fada têm sobre os adultos vem da influência que tiveram sobre nós quando éramos crianças, pois é nessa fase que se plantam as sementes da virtude.¹⁷

Para garantir que uma história para crianças cumpra sua missão psicológica – que é combater as tendências pecaminosas do eu – o leitor deve colocar a trama em um nível pessoal. As histórias infantis conseguem isso porque os protagonistas são crianças comuns, com quem o público infantil se identifica facilmente. As crianças nas histórias são impulsivas e sucumbem facilmente à tentação, e não têm dificuldade para se identificar com personagens que deixam de ouvir a voz da autoridade. Chaves é peculiar nesse aspecto, pois todos os atores que interpretam crianças já haviam passado da casa dos 40 na década de 1970 e ainda assim representavam papéis de crianças de oito anos. Aí reside talvez um dos grandes trunfos do seriado, a interpretação dos atores. Mesmo sabendo que são adultos interpretando crianças, existe a identificação, pois o texto do seriado é plenamente adaptado à fala comum das crianças e os personagens infantis possuem características únicas que os diferem completamente uns dos outros.

Chaves e sua turma também demonstram a força da impulsividade infantil em todos os seus aspectos. É raro nos episódios que as crianças resistam à fome e outros desejos, como o furto de objetos de outrem. Chaves várias vezes roubou bolos feitos por Dona Clotilde para Seu Madruga, ainda que todas as vezes tenha se arrependido e pedido desculpas (depois de comê-los por inteiro), e é mais difícil ver um episódio no qual Chiquinha não roube algum doce de Kiko do que o contrário.

Dentre as várias figuras de um conto de fadas, a bruxa é a que sempre chama mais atenção. Ela é a diva, a figura que dimensiona a luta entre o bem e o mal. A bruxa tem a força da magia e pode fazer coisas que os seres humanos comuns não podem.

¹⁷ CASHDAN, 2000, p. 35

Mais uma referência comum aos contos de fada e o seriado Chaves, a bruxa está presente na vila, mas não tem poderes mágicos. Dona Clotilde, a Bruxa do 71, é uma senhora que mora na vila sozinha em sua casa e é apaixonada por Seu Madruga. É chamada de bruxa por sempre estar envolvida no sumiço ou “transformação” de algum objeto, mas na verdade tudo não passa da imaginação de Chaves e sua turma.

Existe um episódio marcante no qual Chiquinha é incumbida de devolver um jornal que Dona Clotilde emprestou a seu Madruga, mas como ela não está em casa, Chiquinha deve entrar lá e deixar o jornal em algum lugar visível. Morrendo de medo, Chiquinha pede o apoio (à força) dos colegas, que a acompanham em fila indiana. Dentro da casa todos os elementos de uma “casa de bruxas padrão” de contos de fada estão presentes, como teias de aranha, um gato e poções mágicas; ela até mesmo está preparando uma em um grande caldeirão para que Seu Madruga se apaixone por ela. Como eles fazem muito barulho, ela pergunta insistentemente: “Quem está aí?” E Kiko responde: “Miau”. Posteriormente eles fazem mais barulho e ela torna a perguntar: “Quem está aí?” Ao que Chaves responde: “Outro gato!” Com isso ela os descobre, e a magia acaba. Na verdade eles sequer haviam entrado na casa, mas o medo os fez imaginar toda a cena. Ao final do episódio Dona Clotilde comenta que eles deviam ter imaginado que ela lhes traria pirulitos, e por isso estavam entrando em sua casa, provando assim que não é bruxa (a memória deles é curta, pois no episódio seguinte ela é a bruxa do 71 novamente).

Os contos de fada possuem uma estrutura compreendida basicamente por uma mãe ausente ou morta, o abandono do herói pela família e a necessidade deste de empreender uma busca (jornada) para resolver um certo problema, os pecados e a bruxa, vilã de todo conto e elemento motivador do combate que o herói tem de sempre enfrentar.

2.2.1 A morte da mãe

Assim como em muitos contos de fada, no seriado Chaves a mãe do protagonista sequer é mencionada, e segundo sua história oficial ele foi abandonado por ela, tendo então que literalmente lutar para sobreviver até chegar à vila e lá encontrar abrigo. No seriado não só a falta da figura materna é sentida, mas também da

paterna. Chaves também sequer conheceu o pai, Kiko o perdeu quando ainda era bebê e a mãe de Chiquinha morreu no parto (Nhonho tem mãe mas ela sempre está ausente). Cada qual reagiu de uma forma, e todas as conseqüências na personalidade dos personagens por conta dessa ausência são facilmente identificadas nas crianças de verdade. Chiquinha é extremamente ciumenta com relação a seu pai e jamais mencionou sua mãe. Chaves, por sua vez, constantemente diz a Kiko que ele é um tolo por não obedecer à sua mãe e que ele deveria dar muito valor para ela, que ele faria qualquer coisa para ter uma mãe. Kiko tem orgulho de seu pai ter sido marinheiro e não sente falta da figura paterna por conta do professor Girafales, quem carinhosamente chama de “papi”. Cada qual encontrou formas de superar a falta de algum dos pais – ou dos dois – e tentaram sublimá-la.

2.2.2 Os pecados

Como citado anteriormente, os pecados da infância, segundo o conceito de Cashdan aqui utilizado, são impulsos por vezes descontrolados que as crianças experimentam no momento em que seus egos estão começando a aflorar, mostrando que elas têm características próprias e são indivíduos únicos no mundo. Tal condição as faz cometer atos socialmente repreensíveis, que precisam ser freados e explicados devidamente a tempo, para que a criança entenda os valores pregados por sua comunidade e assim possa viver em harmonia com seu meio e o que virá a ser no futuro.

Em um conto de fadas a cena mais comum é ler sobre alguém procurando algo para comer. Não se pode culpar João e Maria, por exemplo, por se permitirem o gosto da gula, após terem caminhado durante três dias sem nada para comer. No entanto, eles saciam a fome e ainda assim continuam a comer a casa da bruxa; as crianças sabem que estão fazendo algo errado, mas não conseguem se controlar. A razão para que tantos contos de fada girem em torno de alimentação é porque a comida e o ato alimentar são o meio pelo qual se comunica à criança as primeiras formas de cuidado e atenção – ou a falta deles. Algumas das experiências emocionais mais intensas da infância ocorrem no seio materno e envolvem uma complexa combinação de sensações

tácteis e sentimentos de saciedade; é pelo ato de alimentar que as crianças são aliviadas, confortadas e recebem a sensação de segurança.

Como são essencialmente histórias de ruptura, os contos de fada necessariamente são focados em experiências que antevêm divisões do eu. Ser alimentado e dormir de barriga cheia equivale a sentir-se bem consigo mesmo. Não ser alimentado, ser privado de comida, significa justamente o oposto. Comer tem ramificações simbólicas que transcendem a biologia: antes de as crianças começarem a vivenciar as primitivas manifestações da personalidade, os alicerces do eu são estabelecidos no ato de ser alimentado¹⁸.

Embora uma boa refeição possa ser compensadora e também um alívio em termos psicológicos, o excesso de permissividade em relação à comida tem implicações negativas, pois a gula está associada à negligência, ao egoísmo e à obesidade. Nhonho e seu pai, senhor Barriga, representam esse conceito no seriado. Nhonho disse certa vez que come três ovos cozidos antes do café da manhã, e na aula do prof. Girafales leva uma melancia inteira como lanche. De fato, Nhonho não reparte a sua comida com ninguém, e por vezes é egoísta com seus brinquedos. No episódio em que os moradores da vila vão passar três dias na casa de senhor Barriga, Nhonho não deixa Chaves nem Chiquinha brincarem com nenhum de seus brinquedos. Ele se contenta apenas em olhá-los, mas não brinca com eles nem deixa ninguém brincar.

Mas a gula não está presente apenas em Nhonho, pois Chaves também apresenta a mesma característica. Está sempre com fome e quando tem a chance de comer, exagera, devorando por vezes bolos e frangos inteiros. Um exemplo de compulsão pela comida – e de suas conseqüências – do personagem Chaves é demonstrada com mais fidelidade em um dos episódios no restaurante da Dona Florinda. Girafales compra dois sanduíches, um para Chaves e outro para Chiquinha, mas Chaves come o seu tão rápido que começa a ter convulsões e desmaia. Após ser reanimado ele ainda sente fome e corre para terminar o sanduíche. Assim como em João e Maria, não se pode culpar Chaves por sua fome, pois ele raramente tem a oportunidade de comer o suficiente para saciar sua fome, o que, quando acontece, gera

¹⁸ CASHDAN, 2000, p. 95

um frenesi alimentar, o que demonstra, segundo o conceito acima apresentado, que ele não recebeu, pelo período adequado, o cuidado materno.

A vida das crianças também é permeada integralmente pela inveja, e as histórias nas quais esse assunto é o mote principal ajudam as crianças a lidarem com suas próprias crises. Em uma vila onde existe apenas uma criança com posses, a inveja só poderia ser uma constante. Mas nota-se que de maneira geral no seriado as crianças não são invejosas, apenas Kiko, que paradoxalmente é quem mais tem brinquedos e melhor condição financeira. Kiko está sempre tentando causar inveja em Chaves, demonstrando o quanto seus brinquedos são novos e modernos, mas no fim das contas Kiko é quem se rende à brincadeira de Chaves, pois não consegue brincar sozinho.

A mentira é um dos pecados mais repudiados pela sociedade; no entanto, a mentira às vezes atende a funções importantes no desenvolvimento.

Alguns pesquisadores sugerem que, se uma criança pequena diz uma mentira à mãe e a mãe acredita, a criança está apta a concluir que a mãe não sabe o que ela, criança, está pensando. Se a mãe não conhece os pensamentos da criança, então não se pode controlá-los. Mentir nessas circunstâncias permite que as crianças se liberem mentalmente de seus pais, e, portanto, estimula o desenvolvimento da identidade pessoal.¹⁹

As crianças também são incitadas pelos adultos a mentir. No seriado, Seu Madruga manda inúmeras vezes Chiquinha contar mentiras a senhor Barriga para que ele não o encontre em casa, ao que Chiquinha diz: “Papai, que vergonha, você mentindo!”. Paul Ekman, psicólogo e professor da Universidade da Califórnia, sustenta que cada faixa etária da criança é caracterizada por um aspecto sobre o modo como vêem a mentira e mentem. Até os quatro anos de idade, a criança geralmente mente para evitar uma punição, mas pode também simplesmente confundir fantasia com realidade, o que não configura uma mentira. A partir dos quatro anos, coincidentemente quando a criança começou a entrar em contato com a língua escrita, e até os oito anos de idade, as crianças consideram, de maneira geral, que qualquer falso testemunho é uma mentira, e são, nas palavras do psicólogo, “fanáticos pela verdade”.

¹⁹ CASHDAN, 2000, p. 169

Ainda assim, curiosamente a cada ano que passa as crianças ficam cada vez melhores mentirosos, mas isso porque passam a entender melhor as reações comportamentais que caracterizam uma mentira sendo proferida; percebem a “técnica” de mentir, o que não quer dizer que mintam mais proporcionalmente. A idade crucial para se ensinar à criança que mentir é socialmente condenável é entre três e quatro anos, a primeira idade crítica sugerida por Ekman. Nesse período as crianças se tornam capazes de dizer mentiras deliberadamente; a mentira na tenra infância pode criar um padrão por toda a vida, se não percebida e trabalhada em tempo.²⁰

Chaves é a única criança do seriado que não mente, de fato, pelo contrário, sua obsessão pela verdade é sempre motivo para algum adulto brigar com ele. Seu Madruga sempre conseguiu dinheiro com engodos, como quando vendia leite misturado com água; talvez por isso Chiquinha minta com tanta convicção. Apesar de condenável, a situação é corriqueira, e em todas as famílias do mundo real ela acontece: um exemplo clássico é quando o pai diz à criança que, se ligarem para ele, diga que ele não está.

A história da avareza remonta aos primórdios da humanidade. Quando esta passou a viver do plantio, percebeu que o acúmulo facilitaria bastante a vida, mas o sentimento para com os bens não parou por aí. A vontade de obter mais pela simples possibilidade de tal situação transformou os seres humanos de armazenadores racionais em avarentos incorrigíveis.

A consequência principal da avareza crônica na infância são distúrbios psicológicos na fase adulta, como dificuldade de socialização e relacionamento pela incapacidade de compartilhamento de bens e dinheiro. Kiko é o mais avarento de toda a turma, mas por Chaves e Chiquinha possuírem condição financeira semelhante, tem sempre que se sujeitar à vontade deles e suas brincadeiras, vencendo a avareza ainda que temporariamente. Em todos os episódios essa estrutura está presente, e este aspecto é importante para que a criança aprenda a importância de repartir, isto é, saber que a avareza não é um comportamento socialmente aceitável, ainda mais em um mundo onde existem tantos famintos e necessitados.

²⁰ Disponível em <http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m1175/is_n7-8_v23/ai_7983853> Acesso em 15/03/06 às 9h45.

Uma insaciável sede por riqueza, seja sob a forma de cupidez por ouro ou ambição em relação a uma herança imerecida, são apenas duas das formas sob as quais a avareza aparece nos contos de fada. Outra forma é a busca de um status mais elevado – a tendência de estar insatisfeito com a própria condição de vida²¹. Este é um dos pontos principais da personalidade de Dona Florinda. Antes da morte de seu marido, quando Kiko era apenas um bebê, Florinda era rica, mas o provedor da casa era um só, e a pensão que passou a receber não permitia manter aquele nível de vida que possuía. Parte da estrutura fixa do seriado, é impossível não assistir a um episódio no qual Dona Florinda não peça que Kiko “não se misture com essa gentalha”, e é comum ouvi-la exaltando seu próprio nome e o do falecido marido: “sou Florinda del Pango, viúva de Matalascaiano”.

Pela situação incômoda de morar em uma vila como a referida, Dona Florinda vive nervosa e não tem paciência com as crianças nem com os adultos do lugar. Kiko, por ter sido criado sob essa égide, é avarento, mesquinho e esnobe, o que o faz ser repudiado pelas crianças da vila – além de sua mãe, que é caracterizada como uma “velha chata” ou “velha carcomida” etc. As opiniões de Chaves, Chiquinha e Seu Madruga reforçam a reprovação às atitudes de Kiko e sua mãe, fornecendo à criança que assiste ao seriado um norte a seguir sobre esse assunto; além disso, após a saída de Kiko do seriado (na história, ele foi morar com uma tia rica), Dona Florinda é incitada por prof. Girafales e Dona Clotilde a abrir um restaurante, e o faz. O trabalho da personagem mostra claramente que Florinda se resignou de sua condição e assumiu que deveria se juntar à “gentalha”, a classe trabalhadora, para viver com dignidade; mostra que o trabalho a enobrece, e não as posses advindas de seu marido.

Para Carlo Collodi, criador de Pinóquio, a indolência é o maior obstáculo que pode impedir as crianças de terem sucesso na vida. A história que escreveu versa sobre um boneco feito de uma madeira especial, que tem vida, mas que é indolente e só pensa em brincadeiras, ao contrário de seu construtor, Geppetto, que é a própria imagem da operosidade, pois é de idade avançada e mesmo assim continua a trabalhar. Pinóquio, assim como Seu Madruga e Chiquinha, é preguiçoso; não tem interesse pelo trabalho e pela escola, e se contenta em passar o dia na cama.

²¹ CASHDAN, 2000, p. 215

A preguiça infantil é mais do que uma preocupação individual; ela atinge o âmago da sociedade. Antes da Revolução Industrial, os pais dependiam dos filhos para ajudar nas tarefas domésticas e no campo. Quando o trabalho migrou do campo para a fábrica, as crianças tinham de trabalhar fora de casa, para suplementar os míseros rendimentos dos pais. (...) ²²

Com a aprovação das leis que regulavam o trabalho infantil, os países ocidentais reconheceram que a educação deve ser prioridade, e que o principal trabalho de um jovem é estudar, e por isso as crianças de hoje são incentivadas a se aplicar nos estudos e a ascender o máximo que puderem na escola. Se a preguiça interfere com a produção ou impede que alguém se eduque adequadamente, torna-se uma desvantagem. Portanto, é compreensível que os temas que envolvem o trabalho duro tenham sido tão extensamente introduzidos na literatura infantil.

A história de Pinóquio segue com o boneco se metendo em confusões por conta de sua indolência. Passados muitos outros percalços, Pinóquio se vê dentro de um estômago de Baleia com Geppetto, que foi o único sobrevivente do naufrágio de um navio. Eles conseguem sair de dentro do monstro e voltam a uma vida pacata, e a essência do conto de Collodi é revelado nesta passagem. Pinóquio agora tem de cuidar de Geppetto; ele acorda todos os dias às cinco da manhã para bombear água, aprendeu a fazer cestas e ainda fez uma cadeira de rodas para seu velho pai. A salvação de Pinóquio vem por meio do trabalho árduo, a parte boa do eu de Pinóquio finalmente venceu sobre a outra; por fim, sua redenção é recompensada com a mágica da Fada Azul, que lhe transforma em um menino de verdade.

O indolente Seu Madruga é mais esperto que Pinóquio, mas não escapa de sofrer as conseqüências de seus maus hábitos, tal como o boneco. Ridicularizado por todos, ele está sempre encontrando novas desculpas para justificar porque não trabalha. Na verdade, Seu Madruga, assim como Pinóquio, possui inúmeras habilidades, mas a preguiça é mais forte e não permite que seus dotes sejam aproveitados. O personagem não tem emprego fixo e vive de “bicos” ou de comprar fiado o básico para sua sobrevivência e a de Chiquinha, que, assim como Kiko, absorveu muitas características do pai, e certamente a indolência é uma delas. Mas no

²² CASHDAN, 2000, p. 227

seriado houve momentos em que ele não teve escolha, tendo que trabalhar pintando a vila e vendendo churros, entre outras situações.

Assim como a Fada Azul considera Pinóquio como tendo um bom coração, a redenção de Seu Madruga acontece por ele, no fundo, ter boas intenções, e por ter de criar sozinho sua filha em meio à pobreza; ainda por cima não é mais jovem, o que dificulta sua colocação em um bom emprego.

Os pontos fortes de Seu Madruga são valorizados, mas os pontos fracos como a indolência são geralmente pagos com a ridicularização total e a falta de qualquer moral até com sua filha, demonstrando o que pode acontecer, no futuro, com uma criança preguiçosa.

A hipocrisia é o ato de fingir ter crenças, virtudes e sentimentos que a pessoa na verdade não possui. “A palavra deriva do latim *hypocrisis* e do grego *hupokrisis* ambos significando representar ou fingir. Um exemplo clássico de ato hipócrita é denunciar alguém por realizar alguma ação enquanto faz a mesma ação”.²³ Em todos os contos de fada a hipocrisia está presente, não só nas bruxas e madrastas, mas também nos heróis galantes; ela é um elemento que “tempera” a caracterização de um personagem e a história, pois ambos, herói e inimigo, faltam com a “verdade” para conseguir seus objetivos. Como disse Freud em *Hipocrisia Extrema*,

Há numerosos indivíduos civilizados que recuam aterrados perante a idéia do assassinio ou do incesto, mas que não desdenham satisfazer a sua cupidez, a sua agressividade, as suas cobiças sexuais, que não hesitam em prejudicar os seus semelhantes por meio da mentira, do engano, da calúnia, contanto que o possam fazer com impunidade²⁴.

A hipocrisia é talvez uma das características humanas negativas mais difíceis de se abster, pois dificilmente, por exemplo, uma pessoa que diz que ama os animais não está envolvida em algum ato que causa dano a eles, e a ignorância a respeito não a tira da condição de hipócrita. Mas estando no território da ética, é interessante para as crianças trabalharem o conceito desde cedo, quando têm os primeiros contatos com as regras sociais.

²³ WIKIPÉDIA. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipocrisia>> Acesso em 08/04/06 às 10h.

²⁴ CITADOR. Disponível em <<http://www.citador.pt/pensar.php?op=10&refid=200503160005>> Acesso em 08/04/06 às 13h20.

A estrutura de Chaves é a mesma dos contos, mas o uso da encenação a faz ainda mais real e próxima da criança. Como as histórias e os personagens dos contos de fada, o seriado Chaves é consideravelmente repetitivo, apresentando sempre as mesmas piadas, ações e acontecimentos em todos os episódios. Para a criança, a presença da repetição é muito importante, porque, ao se identificar com um conto de fada específico, ela espera ouvir a mesma história várias vezes até que se sinta segura sobre o tema tratado, passando então a querer outra história. A repetição é uma constante em Chaves e aparece em todos os elementos do programa: nos cenários, nas falas, no vestuário, nos temas e, principalmente, nas piadas, que caracterizaram o seriado e servem como um dos principais elementos de identificação do público com a série, cujos fãs se orgulham de saber todos os chavões.

2.3 O HUMOR EM CHAVES

O entretenimento tem lugar certo na vida das pessoas, principalmente na sociedade hedonista em que vivemos; a busca pelo prazer por meio do humor, por exemplo, é uma das armas mais fortes da mídia para conseguir telespectadores.

Do latim *humore*, o humor é uma forma de entretenimento, e as origens da palavra estão na medicina humoral dos antigos gregos.

O humor pode ser a chave para a compreensão de culturas, religiões, costumes, enfim para toda sociedade no sentido mais amplo. Sendo um elemento vital para a condição humana, o humor dissecou a vida e as maneiras da sociedade humana através dos séculos, e o riso se transforma através do tempo assim como os costumes e as correntes de pensamento.²⁵

O autor Sírio Possenti (1998), em seu livro *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*, discorre sobre a estrutura das piadas e os porquês de seu sucesso na sociedade. Apesar do sucesso, as piadas por si só não são garantia de audiência para um programa, por exemplo – ainda que o humor quase sempre facilite o processo –, são as características das piadas que, se forem adequadas ao público e ao contexto da narrativa, geram um bom retorno do telespectador. Uma dessas características é a simplicidade, no sentido de que o texto humorístico desse gênero geralmente não exige um grande conhecimento prévio do tema: “(...) o que se deve saber sobre o que os textos falam é relativamente pouco; em geral, bastam conhecimentos vaguíssimos. Dificilmente se exigirá um conhecimento exato e exaustivo para entender qualquer piada, porque ela usualmente aciona um estereótipo”.²⁶

Os estereótipos são realmente a pedra fundamental de Chaves, pois no seriado encontramos a vizinha fofqueira, o menino mimado, o malandro e o professor autoritário, por exemplo, entre outros tipos presentes na cultura de qualquer sociedade.

²⁵ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Humor>> Acesso em 26/04/06 às 17h.

²⁶ POSSENTI, 1998, p. 42

Para Possenti, as piadas não se restringem a textos que causam riso; por operarem fortemente com estereótipos, também fornecem um bom material para pesquisas sobre representações sociais, pois:

Praticamente só há piadas sobre temas socialmente controversos. Assim, sociólogos e antropólogos poderiam ter nelas um excelente corpus para tentar reconhecer (ou confirmar) diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados. Nesse sentido, as piadas são um uma espécie de sintoma, já que, tipicamente, são relativas a domínios discursivos “quentes”. Piadas versam sobre sexo, política, instituições, loucura, desgraça, defeitos físicos, velhice, obesidade, etc.
27

Ou seja, as piadas são quase sempre um veículo para a divulgação de um discurso socialmente proibido ou inadequado se publicamente exposto, discurso esse que também não se manifestaria naturalmente por outras formas de coleta de dados, como a entrevista. A própria posição da piada como veiculadora do que é rechaçado pela moral contraditoriamente é outra característica que a torna um sucesso, pois é única no que apresenta. Tal qual o bufão da Idade Média, a piada tem o direito (e, portanto, o poder) de dizer o que “não deve ser dito”. Esse aspecto da piada remete naturalmente às crianças, pois sua idade e ingenuidade as autoriza a falar o que os adultos não podem dizer socialmente.

Juntamente com esta questão, outra de igual interesse para a presente análise é a da autoria, o papel que se atribui a uma subjetividade que seria de alguma forma responsável pelos textos, por sua unidade e sentido. As piadas, de maneira geral, não têm autor, e por isso deveriam

ser interpretadas sem a invocação de tal critério. Por outro lado, e por essa razão, elas são uma evidência de que existem discursos que se dizem – que são ditos por todos –, dadas certas condições, sem que sua origem esteja relacionada a um indivíduo de forma relevante.²⁸

Quando questionadas, muitas pessoas afirmam que Chaves faz sucesso por conta de seu humor ingênuo, com piadas sem malícia. Este fato é questionável e parte inteiramente da subjetividade de cada um, que vê ou não a malícia nas coisas. O fato é

²⁷ POSSENTI, 1998, p. 42

²⁸ id., ibid. p. 37

que o seriado apresenta, sim, uma grande maioria de piadas simples, o que comprovaria seu poder de penetração nas mais diversas faixas etárias.

A fim de sistematizar a análise do humor no seriado Chaves como um dos principais motivos para seu sucesso, foi primeiramente estabelecido que “piada” ou “chiste” também contemplaria os atos cômicos, ou seja, não só discursos falados. A partir desta consideração, criou-se neste sentido três níveis de avaliação das piadas, a saber:

- **Nível 1:** Atos cômicos, representação dos atores. Exemplo: brigas, expressões cômicas.²⁹
- **Nível 2:** Piadas que exigem algum conhecimento prévio ou maturidade intelectual para seu pleno entendimento. Neste nível também se encontram os bordões do seriado. Exemplo:

Prof. Girafales: - Disse que saí para procurar o gato, e o que encontrei? Um cadáver! Apenas um cadáver!

Seu Madruga: - Ora... E quantos queria encontrar?

- **Nível 3:** Piadas que exigem conhecimento de fatos históricos, referências a personagens famosos de programas da época na qual Chaves foi dublado, etc. Exemplo:

Seu Madruga (para senhor Barriga): - O senhor sabia que eu sou o cabeleireiro pessoal do Kojak?

Para facilitar a avaliação com relação à aparição de cada nível de piada nos episódios, foram escolhidos três desses aleatoriamente, a saber: “O Fantasma do senhor Barriga”, “Quem baixa as calças fica sem elas” e “Seu Madruga lutador de boxe”.³⁰ Os resultados foram o seguinte:

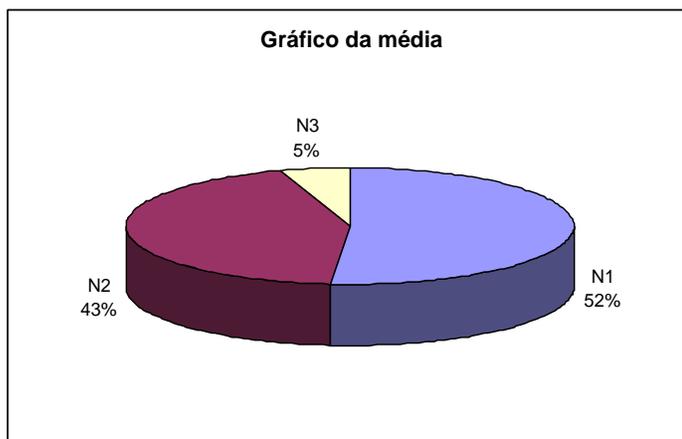
- No Episódio “O fantasma do senhor Barriga”, houve 35 aparições do Nível 1, 24 aparições do Nível 2, e 4 aparições do Nível 3;

²⁹ Ainda que grande parte dos diálogos de Chaves possam ser considerados piadas ou pelo menos “cômicos”, só assim foram se houvesse concomitantemente à piada do referido nível o som de risos ao fundo do próprio seriado, o que as caracterizaria “institucionalmente” uma piada.

³⁰ A estrutura básica do seriado Chaves é bastante repetitiva, o que atesta a confiabilidade da pequena amostra.

- Em “Quem baixa as calças fica sem elas”, 21 do Nível 1, 20 do Nível 2 e 3 do Nível 3;
- Em “Seu Madruga lutador de boxe”, 22 do Nível 1, 22 do Nível 2 e 1 do Nível 3.

A Média foi: N1: 26, N2: 22 e N3: 2,6.



Os resultados mostram a prevalência de piadas dos níveis 1 e 2 respectivamente, o que prova que a grande maioria dos chistes de Chaves atingem públicos que variam de crianças até idosos, como também comprovam as pesquisas de audiência do SBT. Como afirmou Vanderlei Villa Nova, ex-diretor da TVS:

As pesquisas que chegavam em nossas mãos diziam que o programa agradava todas as camadas, a todas as idades e classes, por ser um humor ingênuo. Porque, se você faz um humor em que o indivíduo tem de pensar muito, você não agrada a todo tipo de pessoa. Se é uma piada em que você tem de raciocinar para rir, então as classes C, E e E não vão te dar uma resposta imediata. Agora, com um humor tão simples e tão pastelão, você agrada A, B, C, D, E, F, G e assim por diante.³¹

Dados de agosto e setembro de 2003 comprovam essa afirmação nos dias de hoje, e mostram que o programa tende a ser mais assistido pelas mulheres, que têm participação de 54%, contra 46% do público masculino. O foco maior é o público de 4 a 11 anos de idade das classes C, D e E, mas também existe uma boa aceitação entre as classes A e B e o público de 35 a 49 anos ou de mais de 50.³²

³¹ JOLY, THULER e FRANCO, 2005, p. 70

³² . id., ibid.

CONCLUSÃO

Por meio da fundamentação teórica escolhida, concluiu-se que de fato o seriado Chaves apresenta semelhanças com elementos da psique humana infantil e adulta, o que leva o telespectador a sentir uma acentuada familiaridade com o programa.

A teoria do conto de fadas mostrou como a estrutura narrativa de Chaves está próxima à dos contos que ajudam a criança a lidar com os medos da infância. Por conseqüência, Chaves atua, nesse sentido, da mesma forma que os contos mas possui a vantagem de ser “ao vivo”, real, agregando para si uma maior capacidade de atração e identificação da criança. Pelo estudo das teorias psicológicas de Freud e Jung percebeu-se que o seriado apresenta personagens bastante estereotipados, mas que exatamente por isso se adequam aos modelos naturalmente criados pela sociedade, o que os identifica a públicos das mais diversas faixas etárias e classes sociais. A análise lingüística do humor veio auxiliar na sistematização do humor em Chaves, e ajudou a comprovar que um dos grandes motivos do sucesso de Chaves é seu humor ingênuo ou simples, tese defendida por vários fãs do seriado.

Assim como Chaplin e outros humoristas fizeram sucesso como criadores de personagens carismáticos, a fama de Chaves pode ser atribuída à autoria genial de um artista sensível à realidade de sua época, Roberto Gomes Bolaños. Para Foucault, o autor é “(...) mais uma marca de singularidade de um modo de discurso do que simplesmente um nome referencial; ele representa um certo modo de discurso, mantendo relações estreitas entre textos diversos”.³³ Para o estudioso, os discursos que contenham a função autor teriam uma variedade de “eus”, assim não existiria o autor, mas o estilo. A prova da presença de um “estilo Bolaños” é a repetição contínua de certos elementos em toda a série Chaves e Chapolin, como o Ch no início do nome da maioria de seus personagens.

Tal consideração faz sentido se aplicada à realidade de outros países latinos, onde Bolaños é conhecido ainda por seu nome artístico, Chespirito, reforçando a função autor. Ainda que esta coesão textual de sucesso facilite a familiaridade do telespectador para com a obra de Bolaños, no Brasil tal fato não se aplica, e essa é

³³ JOVER, RICHTER e SOUZA, p. 4

mais uma característica que salta aos olhos quando considerado o sucesso do seriado no país. No Brasil, uma minoria de pessoas faz idéia de quem é Roberto Gomes Bolaños ou Chespirito. Ou seja, Chaves fez sucesso nos países de língua espanhola em grande parte, talvez, por ser de Chespirito, mas faz um enorme sucesso no Brasil sem tal referência.

Seria ingenuidade acreditar que somente a autoria de Bolaños explicasse o fenômeno Chaves. Outros fatores como a época em que foi filmado, as características de uma geração de jovens (a estética do seriado pode não agradar às novas gerações) e a situação de subdesenvolvimento de vários países onde o programa foi bem aceito não foram estudados profundamente neste trabalho. Assim, esta pesquisa não contemplou vários outros aspectos do programa, que poderiam ser analisados através do prisma de outras ciências como a Sociologia, a Antropologia, a História, entre outras, que desvelariam novas respostas sobre o porquê do sucesso do seriado no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, D. L. G. *Violência, Arquétipo e Lei*. São Paulo: Vozes, 1975.

BOLAÑOS, R. G. *Diário do Chaves*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

CASHDAM, S. *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

FIND ARTICLES. Disponível em
<http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m1175/is_n7-8_v23/ai_7983853> Acesso em 15/03/06 às 9h45.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

JUNG, C. G. *Four Archetypes*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

JOLY, L., THULER F., FRANCO P. *Chaves: foi sem querer querendo?* São Paulo: Matrix, 2005.

JOVER, E. R., RICHTER, E. P., SOUSA, E. L. A. *Repetição e estilo em Almodóvar*. 1997. Artigo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1998.

MAMBERT W. A., FOSTER, F. *Viagem ao inconsciente*. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.

MARTINS, J. *A natureza emocional da marca: como escolher a imagem que fortalece a sua marca*. São Paulo: Negócio Editora, 1999.

PEARSON, C. S. *O herói interior: seis Arquétipos que orientam a nossa vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

PINTO, M. J. *Comunicação e Discurso: Introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

ANEXOS



fig. 1 – Prof. Girafales, Chaves, Chiquinha e Nhonho.



fig. 2 - As crianças na escola (Kiko já havia saído da série).



fig. 3 – Prof. Girafales e Dona Florinda no restaurante dela.



fig. 4 – Seu Madruga.



fig. 5 – Kiko.



fig. 6 – Dona Clotilde (Bruxa do 71).



fig. 7 – Senhor Barriga.

Chaves.

10 dias seguidos na liderança absoluta da audiência.

Foi sem querer querendo.

Um sucesso absoluto. Do dia 7 ao dia 20 de dezembro, o Programa Chaves liderou a audiência do horário. Aliás, um resultado que já vinha se repetindo desde novembro e que agora está totalmente consolidado. Ser primeiro é divertido, até porque o programa é de humor. A nossa concorrência é que não deve estar achando a menor graça disso tudo.

Chaves. De segunda a sexta, das 12h45 às 13h15.

sbt www.sbt.com.br

fig. 8 – Anúncio do SBT exaltando os altos pontos de audiência que Chaves obteve na segunda e terceira semanas de dezembro de 2005. Lê-se no impresso: “Um sucesso absoluto. Do dia 7 ao dia 20 de dezembro, o Programa Chaves liderou a audiência do horário. Aliás, um resultado que já vinha se repetindo desde novembro e que agora está totalmente consolidado. Ser primeiro é divertido, até porque o programa é de humor. A nossa concorrência é que não deve estar achando a menor graça disso tudo. Chaves. De segunda a sexta, das 12h45 às 13h15”.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.